

A escrita de si e sua relação com a Geografia: as fragilidades e possibilidades do ensino geográfico

Ivaneide Silva Dias ¹

Resumo

A geografia está sempre presente em nossa vida, basta olhar ao nosso redor para identificarmos a sua presença. Mesmo sem conhecer sistematicamente o seu conceito, estamos diariamente em contato com a mesma e sem perceber fazemos uso da geografia nas mais variadas situações cotidianas, o simples fato de nos movimentarmos de um lado a outro é geografia. O objetivo deste trabalho é descrever a partir da narrativa autobiográfica a compreensão construída a respeito do conceito de geografia ao longo do meu processo formativo. Para a metodologia utilizou-se as narrativas autobiográficas que nos permitem memorar as vivências, obtendo assim elementos que subsidiam o debate da temática abordada, pois as narrativas “são meio de compreensão dos contextos, dimensões e implicações pessoais que constroem historicamente cada indivíduo”, Mendes e Silva (2015, p.157). A partir das minhas memórias percebo que o conceito de geografia apresentada no meu processo formativo não teve muita clareza, pois se distanciava da realidade a qual eu sempre pertenci, e por isso não tive muito entusiasmo nesse aprendizado o que implicou negativamente na minha formação. Por isso, fazer essa retrospectiva se fez muito importante para refletir sobre o estudo da Geografia e afirmar a necessidade de que essa ciência deve ser trabalhada em sala de aula mesmo que de forma básica, para que todos os estudantes tenham acesso aos conhecimentos constituintes da mesma.

Palavras-chave: Conhecimento geográfico; Formação escolar; Ensino descontextualizado da Geografia.

Considerações iniciais

As minhas memórias a respeito do estudo da geografia durante todo meu processo formativo são vagas. A geografia era passada de forma mecânica, num processo de memorizar conteúdos a fim de conseguir boas notas nas provas, sem condições de promover uma formação significativa.

O ensino era descontextualizado e embora estivéssemos em um ambiente propício, com excelentes elementos que subsidiariam riquíssimos debates, o livro didático era o principal mediador das discussões a respeito da geografia.

O meu primeiro contato sistematizado com a geografia se deu no primário (como era chamado o Ensino Fundamental) com uma disciplina chamada Estudo Sociais, que

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB campus VII, ivaneidesilvadias9@gmail.com.

trabalhavam conteúdos referentes à geografia e a história, lembro que nessa atividade, fazíamos umas pequenas hortas, que nunca iam pra frente, pois sempre tivemos sérios problemas com falta de água, e com essa ação considerava-se trabalhada a geografia e seu conceito.

A partir da 5ª série a disciplina geografia entra no currículo como uma disciplina independente, mas presa a conteúdos descontextualizados apresentados pelo livro didático, tendo esse como a principal ferramenta instrucional, não chamava muita atenção, pois se resumia a estudar tipos de relevo, vegetação e clima de outras cidades e países, deixando assim de partir da nossa própria vegetação e situação climática e as muitas outras situações pertencentes à geografia ali presente. É importante expandir os conhecimentos para além dos elementos que nos cercam elementos que não estão na nossa realidade? Sim, porém primeiro devemos conhecer em profundidade o que nos cerca. Pois segundo Callai (1998) o lugar onde vivemos nos fornece as informações necessárias ao convívio social, nos fundamenta e prepara para uma melhor compreensão e vivência nas relações sociais.

O estudo da geografia no meu processo formativo nunca fazia relação com a minha realidade e isso excluía o potencial de informações que um estudo bem aproveitado da geografia pode fornecer, os professores trabalhavam o conceito de forma ligeira e separada o que leva a entender que os próprios não tinham muita compreensão dessa conceituação, o que lhes impedia de trabalhar de forma a esclarecer aos alunos o verdadeiro conhecimento da geografia. Pois para muitos a formação que tiveram a respeito da geografia também se remetia a estudá-la para memorização dos conteúdos, no viés de uma educação bancária. Além disso, os professores eram formados em outras áreas o que dificultava ainda mais esse ensino, pois se faz muito importante à formação específica da área a qual se vai trabalhar, talvez se tivéssemos tido um professor que fosse formado em geografia, esse ensino tivesse sido diferente e mais proveitoso.

Era presente a geografia através do senso comum enraizado nos nossos pais, passados de geração em geração. Por exemplo: costumeiramente ouvíamos que quando o vento está vindo do norte é sinal de chuva breve, se o cupinzeiro² estiver úmido e cheio de cupins é também sinal de chuva, quando a formiga cria asa, quando os periquitos começam fazer ninho, círculo na lua, além de muitas outras previsões meteorológicas orientadas pela natureza.

² Aglomerado de terra, onde os cupins constituem seu ninho.

Recordo-me que sempre em meados do mês de setembro, meu pai já começava a preparar as roças para o plantio, porque segundo ele através das previsões citadas anteriormente as chuvas se aproximavam, e com isso ele ia limpando solo onde seria realizado o plantio, utilizando para isso queimadas para eliminar restos de plantas e deixar o solo pronto, não sabendo ele que essa prática, além de ser uma terrível ameaça para o solo, pois, deixa-o pobre de nutrientes, fere gravemente o meio ambiente e contribui para o aquecimento global gerando uma irregularidade das chuvas.

Estudando a geografia mesmo de forma básica digo, sem explorar a sua complexidade, percebemos o tanto de ações ligadas a geografia que vivenciamos e não compreendíamos essa ligação. Daí a importância do conhecimento para agir de forma correta nas relações entre o homem e o meio ambiente, ou seja, sociedade e natureza. Com isso o objetivo desse trabalho é descrever a partir da narrativa autobiográfica a compreensão a respeito do conceito de geografia construído ao longo do meu processo formativo. Pontuando a necessidade de este ensino ser realizado abraçando todas as possibilidades de esclarecimentos básicos a formação dos sujeitos.

Percurso metodológico

Nessa pesquisa me proponho a refletir sobre o ensino da geografia ao longo da minha formação, como esse foi efetuado e se de fato a abrangência do conceito da geografia foi contemplada nesse estudo.

Como em toda pesquisa se faz necessário, que se elejam alguns procedimentos que visem garantir a organização do processo, o que chamamos de metodologia. Assim como percurso metodológico dessa pesquisa, trago a narrativa autobiográfica com abordagem qualitativa e propósito descritivo. Onde descrevo algumas particularidades do meu processo formativo no que tange o ensino e aprendizagem a respeito da geografia, como foi construído essa aprendizagem e se foi significativa a ponto de me fazer enxergar e compreender o meu entorno com criticidade para entender e opinar sobre a minha realidade, sobre o mundo a qual faço parte.

As narrativas autobiográficas nos permitem rememorar para fazer análises sobre as nossas vivências, sobre o nosso eu. Mendes e Silva (2005, p.157) dizem que:

A potencialidade das narrativas autobiográficas como fonte de pesquisa está no fato que a história de vida de uma pessoa pode revelar muito além de simples acontecimentos, caracterizando-se como meio de compreensão dos contextos, dimensões e implicações pessoais que constroem historicamente cada indivíduo na interface consigo mesmo, o outro e o mundo a sua volta.

As narrativas nos permitem refletir sobre o contexto no qual nos constituímos, e nos dão embasamento para discorrer sobre os elementos históricos e culturais constituintes da nossa identidade, não é só relatar sobre a nossa vida, mas trazer a relevância dos fatos dessas vivências para a explicação de muitos contextos existentes na nossa realidade, que são importantes para todos dentro de uma sociedade.

Relatar sobre as fragilidades e precariedades do ensino da geografia no meu processo formativo, nos dá a oportunidade de pensar novas possibilidades para fazê-lo de forma significativa.

A importância do ensino da geografia na formação de sujeitos sociais

Segundo Moreira a geografia a qual conhecemos e que nos é apresentada no nosso processo formativo dentro dos espaços formais de ensino tem sua origem no século XIX e condiz com tudo que se produz na sociedade, Moreira (2009).

É na escola na iniciação do nosso saber sistematizado que temos o nosso primeiro contato com o saber geográfico, é a partir daí que passamos a reconhecer a nossa relação com a geografia e a compreender a sua função e participação em tudo que fazemos, pois a geografia tem a ver “com a vida, com a organização socioespacial do homem em suas múltiplas relações com a natureza e a sociedade”. Silva, Mendes (2005, p.169).

Estudar a geografia é ler o mundo e construir a cidadania, e o maior desafio do seu ensino é formar cidadãos críticos que compreendam o mundo no qual estão inseridos. Para isso o “ensino da geografia deve oportunizar situações em que o aluno teorize e textualize as suas significações.” Castrogiovanni (2001, p.83).

É extremamente necessário, que na escola se trabalhe valorizando o espaço e tempo vivenciados pelos estudantes, a fim de se construir uma aprendizagem significativa para que o/a estudante seja capaz de ir definindo a sua identidade, reconheça sua história e seu pertencimento no mundo.

Porém o que vivenciei foi um estudo cansativo e decorativo desligado da realidade, sem perspectiva para uma formação cidadã, mediado por um livro didático totalmente descontextualizado. Deixando a necessidade da construção de uma educação geográfica que seja realizada dentro das intuições escolares com o propósito de despertar no aluno a compreensão do espaço no âmbito local, regional, nacional e mundial.

A escola como instituição formadora

A escola é um importante espaço formativo, com a função social de formar e instruir os cidadãos para o viver em sociedade, sua ação é essencial e relevante, sendo uma extensão da família, devendo nunca se afastar dessa. Sua atividade deve ser sempre focada em complementar os conhecimentos adquiridos no convívio familiar e na comunidade a qual se está inserida. O processo de aprendizagem a ser construído e ofertado na escola deve sempre partir da realidade do/a estudante para que seja de fato significativa. Segundo Dias (2022, p.1) “A escola é um espaço coletivo formado por pessoas, crenças, valores, pensamentos e vivências diferentes, o seu trabalho consiste em ensinar valores gerais que permeiam a construção do cidadão”.

Para o ensino da geografia a escola deve partir dos conhecimentos empíricos levados pelos alunos, para a partir desses chegar às explicações e conhecimentos que permitam a seus estudantes um entendimento completo do fenômeno estudado. A escola precisa dar conta de ensinar a complexidade da geografia para que seja possível ao estudante compreendê-la fazendo relação do que se vê em sala de aula com a sua realidade, para que perceba que “o que ele está estudando é a sua realidade concreta, vivida cotidianamente, e não coisas distantes e abstratas” Callai (2001, p.76).

É necessário que ao se ensinar a Geografia compreenda a importância dessa e a transmita fazendo “correlação da disciplina com o cotidiano dos discentes, para que estes notem que a Geografia é vivenciada diariamente por eles” Porfírio et al (2014, p.2).

Somente dessa forma os discentes terão o conhecimento necessário para compreender e conhecer o espaço geográfico e se compreenderem nesse espaço, a escola contribui favoravelmente para o desenvolvimento humano e suas ações preparam para agir no meio em que vive Carneiro (1993), porém para que haja esse desenvolvimento e formação o ensino precisa estar atrelado à realidade e vivência do discente, não pode ser realizado de

forma descontextualizada.

A contextualização na aprendizagem do conceito de geografia

É preciso estabelecer relação entre o que se aprende na escola e o que se vive na realidade, e essa relação deve ser pensada para além de visitas numa prática sem intencionalidade, mas algo planejado como elemento educativo que condicione ao aluno aprofundar o seu conhecimento a respeito do que o cerca, da sua realidade cotidiana.

Em se tratando do ensino da geografia “nota-se que esta não desperta o interesse dos alunos, já que não é transmitida de maneira que o docente faça uma correlação da disciplina com o cotidiano dos discentes, para que estes notem que a geografia é vivenciada diariamente por eles.” (PORFIRIO et al, 2014, p.2).

Por exemplo, se a proposta era estudar vegetação, porque não estudarmos primeiro a vegetação tendo como fonte a nossa própria vegetação, a que estamos em contato todo dia, porque não debatermos primeiramente sobre a nossa situação climática, porque não buscarmos compreender porque os nossos lençóis que estão a secar, porque a nossa pequena nascente veio a secar, são muitos elementos que poderiam ter alavancado discussões muito pertinentes. Pra Porfirio et al, 2014 apud Cavalcanti (1998, p.11).

O pensar geográfico contribui para a contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo em que vive desde a escala local à regional, nacional e mundial. O conhecimento geográfico e, pois, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico do papel desse espaço nas práticas sociais.

Recordo-me que sempre tivemos no sisal a maior fonte de renda das famílias da minha comunidade, mas nunca se trouxe esse contexto para a sala de aula, muitas crianças incluindo eu, saía da escola ia direto para os campos de Sisal³ trabalhar, mas em momento algum a escola se preocupou em nos fornecer informações daquilo que fazíamos para sobreviver, descartou a importância de conhecermos o processo da produção do sisal, desde o trabalho manual até o processo de compra e venda da matéria prima que com muita luta produzíamos, pois discutir isso também se remete a geografia. Carneiro (1993, p.121) fala que é extremamente necessário que “o aluno aprenda não apenas a observar e analisar, mas refletir criteriosamente-interpretando e avaliando sua experiência existencial, no seu contexto sociocultural e político econômico.

Ainda falando do sisal, ele é um ótimo exemplo para falar da geopolítica. Se não fosse o acesso à informação que temos hoje, seria ocultada a relevância dessa matéria prima. Pois, o sisal é vendido de acordo com o valor do dólar, então quando o dólar está alto, as pessoas do campo sisaleiro (assim são chamadas as pessoas que trabalham nos campos de sisal) recebem bem mais, pois o Brasil é o maior exportador dessa fibra. Porém devido à desinformação esses trabalhadores têm ganhos irrisórios e trabalham em condições precárias e de muito risco à própria saúde. Concordando com Carneiro (1993) a uma necessidade de se conduzir o ensino da geografia desde a “escala local, regional, nacional e mundial” abordando elevando o aluno ao pleno acesso das mais variadas informações necessárias a sua formação. Uma vez que “a educação geográfica, pela sua dinâmica contextualizadora, contribui igualmente para o desenvolvimento atitudinal do educando” (CARNEIRO 1993, p.123) e por isso no âmbito escolar deve ser trabalhado de forma transversal e interdisciplinar fazendo correlação com outras áreas de estudo.

Discutindo os resultados

A paisagem que cerca a comunidade a qual eu vivia, é repleta de muitas informações geográficas como a exemplo de algumas formações rochosas e alguns monumentos como um antigo forno de fazer Cal, construídos pelos primeiros moradores da comunidade, como mostra na imagem a baixo. A essas formações rochosas a qual chamamos de “paredões”, recordo-me que sempre no final de ano letivo quando a escola já tinha fechado a meta de conteúdos e realizado os testes e provas programadas para o período letivo, alguns professores levavam as turmas para um passeio perto dessas formações.

³ O Sisal é uma fibra extraída de uma planta de nome Agave sisalana, essa é utilizada para fins comerciais, bastante cultivada no Brasil, principalmente na região Nordeste por possuir resistência seadequando a condição climática dessa região.



Essas visitas eram realizadas sem nenhuma intencionalidade, e hoje me remete a lembra-las, porque fico imaginando o quanto de conhecimento poderíamos ter tido acesso, se em vez de meras visitas sem intencionalidade alguma, tivéssemos tido aulas de campo nesses locais que com certeza tinham muito a contribuir com a nossa formação. Segundo Porfirio et al (2014, p.7).

As aulas de campo podem ser consideradas um dos métodos mais eficazes e produtivos, pois leva o aluno ao espaço trabalhado em sala de aula, onde ocorrem às dinâmicas, tanto sociais quanto naturais, fazendo com que os discentes tenham a possibilidade de comparar a teoria vista em sala de aula com a prática, além de ser um método bastante didático.

As cidades, assim como os municípios onde as comunidades dos alunos estão inseridas tem muitos elementos que podem subsidiar as ações educativas, são relevantes transmissores de informações, pois são acometidos de incontáveis aspectos culturais que levam os alunos a um aprendizado a partir das suas vivências práticas concretas. Alderoqui em seu trabalho intitulado como Educação na cidade: responsabilidade contemporânea e solidariedade institucional fala que:

As visitas aos museus não deveriam ser uma recompensa, um assunto excepcional que se realiza apenas quando já não há mais nada para ensinar na escola. Não se trata de sair por sair, é uma escolha preparada e decidida. (ALDEROQUI 1993, p.5).

Nesse mesmo local das formações rochosas tinha também uma nascente que secou com o passar dos anos, o que impactou negativamente na vida dos moradores, pois servia de bebedouro para os animais e era utilizada para irrigação dos plantios, entre outros usos.

Contudo um fato importante da comunidade onde ficava a escola que eu estudava era o uso desregrado dos recursos naturais, que mesmo sentindo na pele os efeitos de má ação, não havia mudança no comportamento, pois a falta de instrução leva a falta de sensibilidade sobre o que se está praticando.

Como citei anteriormente sempre tivemos problemas com falta de água, pois o nosso abastecimento era realizado através de poços artesianos e esses tinham sua vazão diminuída sempre na época das estiagens, o que comprometia o abastecimento da comunidade, inúmeras vezes a escola deixou de funcionar por falta d'água. Essa recorrente situação nos trazia dias muito difíceis, mas apesar da escola deixar de funcionar porque não tinha água, não se preocupava em formar os estudantes para compreenderem que a falta de água se dava pela escassez dos recursos hídricos, onde antes tínhamos nascentes, e muitas minas de água, hoje estão extintas pelo desmatamento e as irregularidades das chuvas ocasionadas pelo mau uso e cuidado dos recursos naturais.

Ademais, recorro que próximo a essas nascentes eram construídas as chamadas cacimbas⁴, que consiste em um enorme buraco feito em cima do lençol subterrâneo e à medida que a água ia surgindo ia acumulando para posteriormente ser utilizada pelas pessoas, porém esses reservatórios de água ficavam a uma distância considerável da comunidade e o acesso era muito difícil.

Com isso, quando os poços começavam a não mais dar conta de abastecer a comunidade, as pessoas eram obrigadas a ir buscar água nessas cacimbas, percorrendo um longo percurso com uma lata d'água na cabeça.



imagem de uma cacimba.

Todos esses elementos falam e são ações da geografia em nossas vidas e passam despercebidas uma vez que não compreendemos o seu conceito e como se apresenta em nossa vida cotidianamente. E assim vamos repetindo ações que só comprometem a nossa relação com o meio espacial geográfico, ou seja, a relação sociedade e natureza o que vai impactando diretamente em nossa vida ao longo dos anos. Por isso, é importante e urgente que o ensino da geografia desperte nos estudantes a criticidade para agir de forma correta, que saibam fazer a leitura do mundo no qual vivem a ponto de orientar para uma resignificação das ações e construção de um futuro onde homem e natureza vivam em harmonia.

⁴ Buraco cavado sobre um lençol subterrâneo com o intuito de armazenar água.

Considerações finais

A escola embora no seu conceito de identidade ela tenha como principal objetivo formar o indivíduo nos seus aspectos cultural, social e cognitivo, se distancia em alguns momentos desses objetivos e com isso deixa de contribuir para um possível desenvolvimento no qual o indivíduo perceba-se no ambiente a qual vive o que dificulta também que esse recrie um novo formato de vida.

Quando a escola não consegue desenvolver no indivíduo a criticidade, para ele perceber o que está no seu entorno a ponto de ser resiliente diante das dificuldades encontradas, ela falha no seu papel.

Por isso que mediante o relato das minhas memórias, é possível identificar que a escola foi falha na apresentação do conceito da geografia, sem conseguir sequer passar uma noção básica, porque a distanciou como se fosse um elemento que não fazia parte da minha realidade, e esse distanciamento me impossibilitou de construir conhecimentos que poderiam ter me confiado um novo viver, principalmente no que tange a minha relação com o meio a qual eu estava inserida em minha formação cidadã.

REFERÊNCIAS

ALDEROQUI, Sílvia. La Ciudad: un territorio que educa. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/download/18619/11993> Acesso em: Abril 2023.

DIAS, Ivaneide silva. Relato de experiência: a importância da relação família- escola e suas contribuições no processo de aprendizagem na educação infantil. ANAISVIII conedu... Campina Grande: Realize editora, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/90825> . Acesso em 24/04/2023 09:54.

Ensino e pesquisa em educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes/ Jussara fraga Portugal, Vânia Alves Martins Chalgar (Organizadores), - Salvador: EDUFBA, 2015. 325p.

Geografia em sala de aula: práticas e reflexões/org. Antônio Carlos Castrogiovanni... (et al).- 3.ed.- Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS/ Associação dos geógrafos brasileiros- secção porto Alegre, 2001.- organizadores: Helena Copetti Callai, Neiva Otero Schaffer, Nestor André Kaercher.

MORREIRA, Ruy. O que é geografia. 2. Ed . São Paulo. Editora Brasiliense, 2009. Disponível em:<[HTTPS://dakirlarara. Files. wordpress.com/2011/08/o-que-c3a9- geografia-moreira-ruy.pdf](https://dakirlarara.files.wordpress.com/2011/08/o-que-e-geografia-moreira-ruy.pdf)>. Acesso em: 22 de abril de 2023.

PORFIRIO, Laiz Barbosa Lopes, SANTOS, Guimarães dos, LEITE,Angela Maria Araújo.**Geografia e ensino: Desafios e possibilidades.** Anais do VII CBG. Vitoria/ES, 2014. Disponível em:

http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404098684_ARQUIVO_GeografiaeEnsinoDesafiosePossibilidades.pdf.

CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. **Importância educacional da geografia.** Educar, Curitiba, n.9, p. 121-125. 1993. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/QWvNXZNL6snC9VmmmrXWrPq/?lang=pt#:~:text=O%20potencial%20de%20contribui%C3%A7%C3%A3o%20da,constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20mundo%20pelo%20homem>. Acesso em 28 de abril de 2023.